

FILOSOFIA PARA CRIANÇAS

Philosophy for children

Cristiane Ricardo Teixeira¹

Mariangela Kraemer Lenz Ziede²

Recebido em: 30 set. 2015

Aceito em: 11 nov. 2015

RESUMO

Conforme a Lei de Diretrizes e Bases (1996), é preciso educar as crianças e os jovens a serem cidadãos críticos, autônomos, livres e responsáveis. Porém, como alcançar esse objetivo? Com base nessa proposta, o presente artigo destacou a importância de trabalhar a filosofia no ensino fundamental e as contribuições desse ensino na construção do pensamento crítico e reflexivo dos indivíduos. Além desse enfoque, o estudo também analisou as estratégias e práticas pedagógicas que os docentes do ensino fundamental de escolas do município de Cachoeirinha/RS estão utilizando para alcançar esse objetivo. A pesquisa, dentro de uma abordagem qualitativa, foi desenvolvida em seis escolas, dentre elas instituições públicas e privadas, com a participação de onze docentes do ensino fundamental. Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas e observações, analisados posteriormente a partir dos referenciais teóricos, principalmente dos estudos de Lipman, que no final da década de 60 desenvolveu uma educação para “o pensar”, com a finalidade de ampliar as habilidades cognitivas de crianças e jovens através de temas filosóficos. Com isso, foram levantadas quatro categorias de análise: o papel da escola na construção de uma sociedade democrática; o trabalho da disciplina de filosofia no ensino fundamental; a filosofia como componente curricular e práticas pedagógicas; estratégias utilizadas no desenvolvimento da

1 Acadêmica do curso de Pedagogia do Complexo de Ensino Superior de Cachoeirinha/RS (CESUCA Faculdade INEDI) E-mail: cristianerteixeira@yahoo.com.br.

2 Doutora em Educação e Mestre em Educação pela UFRGS. Docente e Pesquisadora do Mestrado em Desenvolvimento e Sociedade e em Educação da Universidade Alto Vale do Rio do Peixe – UNIARP. Caçador, SC, Brasil. E-mail: mariangelaziede@gmail.com.

autonomia; e senso crítico dos alunos. Concluiu-se que a disciplina de filosofia é essencial na construção do pensamento crítico e reflexivo dos indivíduos, pois proporciona as habilidades de análise e questionamento, e que quanto mais cedo o tema for trabalhado nas escolas, desde crianças do ensino fundamental, mais perto estaremos de formar cidadãos críticos e autônomos e uma sociedade mais justa e igualitária.

Palavras-chave: Filosofia. Ensino Fundamental. Crianças. Autonomia. Críticidade.

ABSTRACT

According to the Law of Guidelines and Bases (Lei de Diretrizes e Bases, 1996) we have to educate children and young people to be critical, autonomous, free and responsible citizens. But how to achieve that goal? Based on that proposal, this article highlighted the importance of working philosophy in elementary school and contributions of this type of education to the construction of critical and reflective thinking of the individuals. In addition to that focus, the study also analyses the strategies and pedagogical practices that teachers of elementary schools in the municipality of Cachoeirinha/RS are using to achieve that goal. The research, assuming the qualitative approach, was developed in six schools, including public and private institutions, with the participation of eleven teachers of the elementary school. The data were collected through semi-structured interviews and observations, analyzed later from the theoretical references, mainly from the studies of Lipman, who, at the end of the 60's, developed an education for "thinking", with the purpose of enlarging the cognitive skills of children and youth through philosophical themes. He raised four categories of analysis: the role of the school in building a democratic society; the work of the discipline of philosophy in elementary school; philosophy as curricular component and pedagogical practices and strategies used in the development of autonomy and critical thinking of the students. It was concluded that the discipline of philosophy is essential to the building of critical and reflective thinking of the individuals, as it provides the skills of analysis and questioning, and that the sooner it is worked at schools, from elementary school children, closer we will be to form critical and autonomous citizens and a fairer and more egalitarian society.

Keywords: Philosophy. Elementary School. Children. Autonomy. Criticality.

INTRODUÇÃO

O estudo da Filosofia é muito antigo, pois remonta aos antigos gregos (século VI a.C); porém, a Filosofia direcionada para crianças é muito recente. Ela é fruto de um estudo do professor e filósofo Matthew Lipman no final da década de 60. Pioneiro em pensar a filosofia na formação integral da criança, instituiu aos poucos um novo paradigma de educação, propondo uma prática reflexiva e investigativa.

Desenvolver uma educação para “o pensar” é uma das propostas de Lipman que, ao perceber a aproximação entre os pensamentos das crianças e dos filósofos, desenvolveu uma nova proposta de educação a partir do ensino da filosofia na infância.

Através do *Programa Filosofia para Crianças*, Lipman (1990) procurou incentivar a iniciação filosófica nas crianças e jovens do ensino fundamental e médio a partir de Comunidades de Investigação, com o objetivo de desenvolver as habilidades cognitivas dos indivíduos por meio de temas filosóficos em uma linguagem acessível e adequada às diferentes faixas etárias.

Investir numa educação para o “pensar” vem ao encontro do papel da escola, que tem por objetivo formar os alunos para exercer a cidadania, construindo assim uma sociedade mais livre e democrática.

Conforme a proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais,

[...] concebe a educação escolar como uma prática que tem a possibilidade de criar condições para que todos os alunos desenvolvam suas capacidades e aprendam os conteúdos necessários para construir instrumentos de compreensão da realidade e de participação em relações sociais, políticas e culturais diversificadas e cada vez mais amplas, condições estas fundamentais para o exercício da cidadania na construção de uma sociedade democrática e não excludente. (BRASIL, 1997; p. 33)

A escola tem papel vital na construção de uma sociedade democrática. Segundo a Lei de Diretrizes e Bases (1996), o ensino fundamental tem por objetivo a formação básica do cidadão, capacitando-o para aquisição de conhecimentos e habilidades e formação de atitudes e valores.

A criança, ao contrário do que alguns pensam, exerce sua cidadania desde muito cedo. Elas estão sempre atentas a e interessadas em questões políticas que estão a sua volta. Esses assuntos ainda não estão tematizados na criança, porém elas os percebem.

Segundo Muraro,

Para Lipman há algo em comum entre a criança e o filósofo: a capacidade de se maravilhar com o mundo. A criança e a filosofia são aliadas naturais, diz ele. Os filósofos levam esta capacidade de maravilhamento às últimas consequências, descobrindo e investigando os problemas da experiência humana. Tais problemas giram em torno de conceitos centrais, comuns e controversos da nossa experiência que são sempre problematizados pela própria filosofia. Assim, os filósofos conseguem criar e reconstruir conceitos e buscar formas de explicação mais abrangentes para os problemas da vida. As crianças ficam intrigadas com os mesmos conceitos problemáticos tratados no campo da filosofia ao longo dos séculos, ou seja, colocam-se questões sobre a verdade, as regras, a justiça, a realidade, a amizade, o poder, a morte, a beleza, o conhecimento, a linguagem, etc. Para lidar com estas questões, elas necessitam aprender a pensar filosoficamente. (MURARO, 2009; p. 3)

Ser cidadão e exercer sua cidadania nos dias de hoje requerem a capacidade de pensar e agir de forma crítica, criteriosa e ética, levando em conta a justiça e o bem comum.

Dentro desta intenção, a pesquisa surgiu a partir de uma necessidade de responder dúvidas em relação ao desenvolvimento do senso crítico dos alunos durante o ensino fundamental.

Trabalhar com os alunos para exercer a cidadania, dialogar e questionar os problemas do cotidiano são questões importantes e conteúdos presentes da filosofia. A partir destas discussões, pesquisamos: Como a filosofia pode contribuir para o desenvolvimento do senso crítico dos alunos no ensino fundamental?

O presente estudo teve por objetivo analisar a maneira como é trabalhada a filosofia no ensino fundamental de modo a propiciar o desenvolvimento do senso crítico dos alunos.

Além de apresentar a filosofia como um objeto de ensino interdisciplinar, a pesquisa também verificou a metodologia utilizada nas escolas do município de Cachoeirinha/RS para desenvolver o senso

crítico dos alunos. E quais as estratégias aplicadas pelos docentes dessa localidade para trabalhar os conteúdos da filosofia presentes no currículo escolar por meio dos PCNs.

Oportunizar aos alunos a questionar o meio em que vivem e formar uma consciência crítica é uma das funções da filosofia no ambiente escolar. Segundo Ferreira (2014a, p. 29), “os estudantes dos anos iniciais precisam aprender a observar e interpretar a realidade para, assim, interferir nela”.

A filosofia busca trabalhar na educação do pensamento, propondo que os problemas e situações sejam investigados através das habilidades intelectivas (raciocínio, investigação, interpretação e conceituação) e das habilidades sociais (empatia, descentralização e ação com base a regras estabelecidas em comum).

Ao trabalhar a filosofia com as crianças, elas aprimoraram a capacidade de refletir por si mesmas sobre o pensar, se tornando mais críticas e autônomas em suas escolhas e objetivos.

Analisando as possibilidades de trabalhar a filosofia na educação do pensamento das crianças, a pesquisa metodologicamente se desenvolveu em dois momentos. O primeiro foi composto pela leitura e fichamento de teorias sobre o assunto. E a segunda envolveu uma saída de campo que buscou os dados através de entrevistas semiestruturadas e observações que foram analisadas de acordo com a literatura, procurando aproximações entre as respostas dos professores com os pressupostos dos estudos elencados.

A pesquisa foi realizada em seis escolas do município de Cachoeirinha/RS, entre públicas e privadas. Contamos com a participação de onze docentes do ensino fundamental, entre professores experientes e iniciantes na profissão, dispostos a contribuir com o trabalho.

O QUE É O PENSAMENTO CRÍTICO?

Conforme a LDB (1996), é necessário educar as crianças e jovens para serem cidadãos críticos, autônomos, livres e responsáveis. Mas o que é ser uma pessoa crítica e autônoma?

A palavra “crítica” é de origem grega *Kritikos* e significa a “capacidade de fazer julgamentos”. Em relação à filosofia, o senso crítico se reporta a uma consciência reflexiva no “eu” (autocrítica) e no mundo.

Desde que nascemos tornamo-nos parte de uma realidade culturalmente construída. Somos ensinados a como devemos interpretar, pensar, sentir e reagir diante de nossa realidade.

O “pensar” faz parte da vida humana, sendo fundamental para sua evolução. Através do ato de pensar o ser humano consegue prever algo em sua mente antes mesmo de construí-lo.

Ao contrário que muitos acreditam, o pensamento crítico não é apenas falar o que pensa, mas sim esclarecer por meio de argumentos adequados as questões elencadas.

O pensamento crítico é “entendido como a capacidade de analisar profundamente, questionar, discutir problemas e buscar soluções racionais adequadas, levando em consideração as diferentes opiniões sobre um mesmo assunto” (FREIRE 2007, p. 26).

Um indivíduo crítico possui a capacidade de questionar e analisar racionalmente questões, valores e crenças impostas por uma ideologia dominante, que procura manipular as pessoas para não argumentarem e aceitarem o que é imposto sem investigar se é realmente verdade.

Conforme Novais (2012), uma atitude crítica é

[...]aquela adotada pelo indivíduo que questiona a realidade, seus sentimentos essenciais e causas, e se propõe refletir, dando início a um processo de conhecimento que acaba por voltar-se para si mesmo, levando-o a cumprir o que dizia o oráculo de Delfos: ‘Conhece a ti mesmo’. Ele começa a se perguntar a razão de seus próprios sentimentos e crenças, o que são estes sentimentos e crenças. (NOVAIS, 2012, p. 1)

Existem dois tipos de pensamentos que sustentam opiniões e concepções: o dogmático e o crítico. No pensamento dogmático não existe uma preocupação de justificar a afirmação realizada. Já o pensamento crítico tem a preocupação de comprovar, através de argumentos e evidências, aquilo que está sendo alegado.

Um argumento é a justificação de uma opinião, concepção, tese. Argumentar é dar razões para se pensar algo ou agir de um determinado

modo. Quando argumentamos nós queremos convencer alguém de que nossas ideias ou nossas formas de agir são corretas, ou que as ideias e as formas de agir de outra pessoa são ou não corretas.

Para desenvolver o pensamento crítico das crianças em sala de aula existe uma peça chave em todo o processo: o professor. Através de sua postura os alunos aprendem a questionar mais o seu meio e a desenvolver um olhar crítico sobre questões cotidianas.

Neste propósito, Lipman (1990) desenvolveu seu Programa Filosofia para Crianças visando auxiliar os docentes a trabalhar o pensamento crítico e autônomo através do ensino da Filosofia.

O QUE É FILOSOFIA?

A Filosofia é um processo que zela pela busca do conhecimento. Ela é a busca da “verdade” em momentos de crise, quando os indivíduos são motivados a pensar sobre o mundo contemporâneo.

Segundo Aranha & Martins (2005),

A Filosofia é um modo de pensar, é uma postura diante do mundo. Ela não é um conjunto de conhecimentos prontos, um sistema acabado, fechado em si mesmo. Ela é, antes de mais nada, um modo de se colocar diante da realidade, procurando refletir sobre os acontecimentos a partir de certas posições teóricas. Essa reflexão permite ir além da pura aparência dos fenômenos, em busca de suas raízes e de sua contextualização em um horizonte amplo, que abrange os valores sociais, históricos, econômicos, políticos, éticos e estéticos. (p. 12)

Filosofar é pensar criticamente, ou seja, é questionar sobre o modo de ser e viver do ser humano e tudo o que o cerca.

Na Filosofia não basta saber como os fenômenos acontecem, mas na busca de encontrar o significado mais profundo dos acontecimentos do mundo humano.

A Filosofia propõe auxiliar o indivíduo a pensar criticamente sobre ele mesmo e sobre as questões a sua volta, proporcionando elementos importantes na construção de sua identidade e tornando-o um cidadão consciente e responsável por seus atos.

Nesta perspectiva, Aranha & Martins (2005, p. 14) descrevem que a filosofia “é indispensável para a vida de todos aqueles que desejam ser seres humanos completos, cidadãos livres e responsáveis por suas escolhas”.

Pensando nessa hipótese, o filósofo e educador norte-americano Matthew Lipman desenvolveu no final da década de 60 uma nova perspectiva de trabalhar a filosofia durante a infância, possibilitando o acesso das crianças ao mundo da filosofia e desenvolvendo assim uma atitude filosófica através da qual elas possam enfrentar e pensar melhor as questões do seu mundo.

FILOSOFIA PARA CRIANÇAS

Segundo os PCNs (1997), a escola tem a função de desenvolver cidadãos críticos e autônomos, mas como fazer isso sem desenvolver o pensamento reflexivo?

As capacidades de analisar, questionar, discutir, interpretar são comportamentos que desenvolvem o “pensamento reflexivo”; sem este não há o cidadão crítico.

Baseado nessas ideias, o filósofo e educador Dr. Matthew Lipman propõe a Filosofia desde o ensino básico, pois acredita que este ensino disponibiliza uma abertura na qual os valores podem ser submetidos à crítica.

Segundo Ferreira (2008, p. 1) “o ensino da filosofia propicia o desenvolvimento do “pensar bem”, isto é, o pensar sistemático, metódico, profundo, autônomo, criativo, abrangente”.

Neste contexto, Lipman (1990), pioneiro na ideia de trabalhar a filosofia no desenvolvimento e formação integral da criança, propõe uma pedagogia fundamentada no diálogo e na inquirição, na qual visa a necessidade de aprender a pensar e não apenas memorizar conteúdos.

FILOSOFIA PARA CRIANÇAS – EDUCAÇÃO PARA O PENSAR

Filosofia para crianças – Educação para o pensar é o nome do programa filosófico-educacional criado por Lipman no final da década

de 60. Esse programa propõe oferecer as crianças e jovens um espaço para compreender melhor as temáticas filosóficas³, desenvolvendo a capacidade de “pensar melhor” através de uma metodologia que integra a investigação e o diálogo.

O Programa *Filosofia para Crianças* (PFC) é um programa educacional que trata especificamente sobre a iniciação filosófica para crianças e jovens, e se baseia na ideia de que as salas de aula e outros espaços escolares devem ser locais investigativo-dialógicos, isto é, ser ambientes onde crianças e jovens aprendam a discutir, questionar e investigar em grupo os temas que permeiam a vida do ser humano.

Lipman (1990) nomeia esses espaços de “Comunidades de Investigação”, que, segundo ele, são grupos de pessoas que debatem, investigam, trocam e constroem ideias independentes sobre o mesmo objeto durante uma discussão dialógica.

Lipman *apud* Lorieri afirma que

A Filosofia impõe que a classe se converta numa comunidade de investigação, onde estudantes e professores possam conversar como pessoas e como membros da mesma comunidade; onde possam ler juntos, apossar-se das ideias conjuntamente, construir sobre as ideias dos outros; onde possam pensar independentemente, procurar razões para seus pontos de vista, explorar suas pressuposições; e possam trazer para suas vidas uma nova percepção de o que é descobrir, inventar, interpretar e criticar. (LIPMAN *apud* LORIERI, 2012, p. 2)

O PFC busca desenvolver a capacidade de “pensar melhor”, incentivando as crianças e jovens a exercerem um pensamento reflexivo, rigoroso, criativo e contextualizado. O esforço filosófico inclui necessariamente o exame de como pensamos e de como conhecemos algo. Com este objetivo em mente, Lipman indica a metodologia da Comunidade de Investigação como sendo o processo privilegiado para este fim.

A Comunidade de Investigação (*inquiry*) é uma metodologia pedagógica adotada por Lipman que integra os aspectos da razão,

3 Perguntas que dizem a respeito à verdade, as pessoas, sobre seu papel na vida das pessoas, entre outros.

das emoções e das relações sociais. Nela ocorre o diálogo através de problematizações, desenvolvendo as operações mentais do pensamento e da linguagem para a produção de significados.

Ao contrário que se imagina, a Comunidade de Investigação não é um método que busca memorizar conteúdos ou valores, mas é uma forma democrática e permanente de reconstrução dos significados que servem como referências através do processo dialógico e cooperativo.

Do ponto de vista cronológico, recomenda-se que se inverta o ponto: Lipman “pega” a ideia de Sócrates - pode-se escrever que o diálogo socrático inspirou Lipman.

Sócrates foi um grande pensador e pioneiro na utilização do diálogo como metodologia para trabalhar os temas filosóficos. Ao conversar com as pessoas, ele fazia perguntas como se fosse alguém que não sabia de nada, mas, ao longo do diálogo, o filósofo fazia com que os indivíduos percebessem os pontos fracos de suas próprias reflexões.

Do mesmo modo que Sócrates tratava as questões filosóficas através das discussões em grupos, Lipman (1990) desenvolveu as Comunidades de Investigação como oportunidade de abordar esses assuntos com crianças e jovens num ambiente propício à discussão dialógica.

Além disso, não é possível trabalhar filosofia com os alunos sem antes fazer alguns ajustes para que se desperte o interesse e o aproveitamento nas discussões. O fazer filosofia deve ser agradável e significativo através da linguagem das crianças. Pensando nisso, Lipman (1990) desenvolveu em seu programa as “novelas filosóficas”, histórias sobre temas filosóficos que têm por objetivo provocar a reflexão nos estudantes a partir de assuntos cotidianos trazidos pela literatura.

Nesse processo é primordial o papel do professor como mediador. Nesse caso, ele se abstém de suas posições filosóficas particulares, e promove a discussão e o encorajamento nas crianças em seguir a investigação na direção do problema. Além disso, o docente precisa saber lidar com o crescimento e os estilos de pensar de seus alunos, proporcionando que cada um seja claro, coerente e compreensível.

Conforme Brocanelli,

Na sala de aula não deve haver doutrinação, ou seja, o professor não deve impor sua posição ou pensamentos filosóficos particulares; mas deve promover a participação de todos os alunos numa discussão acerca de um tema proposto pela novela podendo ocorrer abertura para outras discussões que vierem a surgir. O trabalho principal do professor é a promoção do debate entre as crianças e seu encorajamento em seguir a investigação na direção que o problema aponta. (BROCANELLI, 2010, p. 73)

Para Lipman, a possibilidade de desenvolver esse programa de educação nas escolas só é possível se as salas de aula se tornarem ambientes de Comunidade de Investigação e incluïrem a filosofia como disciplina da grade curricular. Brocanelli (2010, p. 75) relata que “Lipman só enxerga a possibilidade de esses novos paradigmas se realizarem se acontecer dentro da sala de aula um ambiente de Comunidade de Investigação e a inclusão da Filosofia como disciplina da grade curricular”.

O PAPEL DA FILOSOFIA NO ENSINO FUNDAMENTAL

No Ensino Fundamental, principalmente nos anos iniciais, é recorrente a preocupação dos professores em apresentar o mundo das letras e dos números deixando de lado outras ciências tão importantes para a construção do conhecimento.

A Filosofia para Crianças é uma dessas ciências - ela busca de forma sistemática desenvolver desde cedo na criança e no jovem uma atitude de investigação, ou seja, uma atitude de profunda análise sobre o mundo que os cerca, sobre si próprios e sobre ser humano em geral.

Segundo Ferreira (2008, p. 1),

O ensino da Filosofia no ensino fundamental e médio tem o papel, portanto, de desenvolver no aluno uma “atitude filosófica”, ou seja, uma atitude investigativa, interrogativa, que pergunte o que, como e porque a coisa, a ideia ou valor é.

No Brasil, a filosofia não é apenas uma disciplina dos alunos do ensino médio; ela também é componente curricular do ensino fundamental

por meio dos Temas Transversais definidos pelos PCNs (1997). Nesse caso, a Filosofia é trabalhada a partir dos assuntos sobre “ética” e “moral”, almejando a construção do conhecimento pelo meio social.

O principal objetivo de se trabalhar esses temas transversais no ensino fundamental é proporcionar aos alunos a capacidade de escolher critérios à luz da justiça, rejeitando qualquer forma de injustiça quando presente, e principalmente na concepção de maneiras não violentas de atuação nas diferentes situações da vida (PCNs, 1998).

Trabalhar temas da filosofia no ensino fundamental é uma das propostas de Lipman (1990), que tem por finalidade desenvolver o raciocínio das crianças a partir de discussões filosóficas em sala de aula.

Esse estudo defendido pelo filósofo almeja possibilitar que as salas de aula do Ensino Fundamental se tornem ambientes questionadores, onde as crianças desenvolvam a prática do “pensar” de forma reflexiva e investigativa, e não mecânica.

Levar os alunos a pensar não é uma tarefa fácil para os educadores, pois requer formação e estratégias de ensino. Pensando nessa possibilidade, Lipman desenvolveu materiais didáticos para orientar os docentes durante as aulas.

ESTRATÉGIAS PARA TRABALHAR A FILOSOFIA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Com a preocupação de privilegiar todos os níveis de ensino e atingir crianças e jovens de diferentes faixas etárias, Lipman (1990) desenvolveu uma nova metodologia de ensino e um currículo específico de Filosofia com o propósito de incentivar a iniciação filosófica a partir de *Comunidades de Investigação* nas salas de aula.

Dentro dessa metodologia, Lipman escreveu as “Novelas Filosóficas”, histórias de diferentes estilos onde os personagens são representados por crianças e jovens que se confrontam com diversas questões cotidianas através da ficção.

Segundo Muraro (2009, p. 1), “as Novelas Filosóficas são narrativas que apresentam temas e problemas filosóficos através das falas e tramas vividos pelos personagens numa Comunidade de Investigação”.

As novelas escritas por Lipman foram produzidas com o propósito de apresentar a filosofia através de uma linguagem simples e compreensível às crianças e jovens, buscando estimular a imaginação dos mesmos sobre os temas sugeridos e incentivando-os a pensarem por si próprios. Para cada narrativa o filósofo desenvolveu um manual para o professor, contendo planos de discussão e exercícios sobre conceitos filosóficos. Esse manual busca não só mediar o diálogo dentro da comunidade de investigação, mas também auxiliar o docente no desenvolvimento das habilidades do pensamento junto aos alunos.

Podemos observar no Quadro 1 os materiais didáticos desenvolvidos por Lipman para trabalhar temas filosóficos com as crianças e jovens.

Quadro 1 - Composição dos materiais didáticos de Filosofia

Novelas Filosóficas	Rebeca (Ed. Infantil e 1º ano)	Issao e Guga 2º e 3º anos	Pimpa 4º e 5º anos	A Descoberta de Ari dos Telles 6º e 7º anos	Lúisa 8º e 9º anos
Manuais	Preparando-se para filosofar	Maravilhando-se com o Mundo	Em busca do sentido	Investigação Filosófica	Investigação Ética
Áreas da Filosofia	Antropologia Filosófica Procedimentos da Investigação Filosófica em Comunidade	Filosofia da Natureza Teoria do Conhecimento	Filosofia da Linguagem Metafísica	Lógica Teoria do Conhecimento Filosofia da Educação	Ética Estética

Fonte: http://www.philosletera.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=145&Itemid=390

Para Lipman (1990), por mais estimulante que seja a maneira de abordar as questões filosóficas, como por exemplo filmes, novelas, literatura, textos, etc., elas só poderão ser eficientes se forem trabalhadas a partir da Comunidade de Investigação.

Conforme Lipman (1990, p. 20), “[..]a ambiência adequada para o filosofar é a Comunidade de Investigação. Sem esta prática central de Filosofia para Crianças, o mais estimulante material quer sejam as novelas, literatura, textos filosóficos, filmes, etc. podem ser ineficientes”.

Através da participação em Comunidades de Investigação, os temas filosóficos são trabalhados por meio do diálogo cooperativo. Através dele os estudantes trocam ideias e são submetidos à reflexão do grupo. Nessa proposta, o professor atua como mediador nas discussões, auxiliando os alunos a compartilharem seus conceitos e a se colocarem no lugar do outro nos diversos assuntos abordados. Com base nessa perspectiva, Lipman acredita que o ensino da filosofia seja adequado para o desenvolvimento do senso crítico do indivíduo.

Concomitantemente, afirma Muraro (2009, p. 5) “a vida da criança nesta prática comunitária através da intensa comunicação auxilia no desenvolvimento da sensibilidade social, cultural, política, ética, estética e cognitiva. Desta forma, amplia-se a capacidade de crescer da criança”.

Outra maneira de abordar a filosofia no ensino fundamental é apresentada por Gélson Weschenfelder (2011) que em seus estudos buscou as histórias em quadrinhos como uma forma de trabalhar as questões referentes à moral e a ética para a formação da cidadania da criança.

Neste âmbito, Weschenfelder (2012, p. 7) lembra que

[...] elas não trazem somente o entretenimento ao seu leitor. Estas histórias introduzem e abordam de forma vivida as questões de suma importância enfrentadas pelos seres humanos ‘normais’, questões referentes à ética, à responsabilidade pessoal e social, à justiça, ao crime e ao castigo, ao sentido de nossa vida, ao que pensamos da ciência e da natureza, à importância da amizade, às virtudes clássicas como coragem e muitos outros temas).

A ligação das histórias em quadrinhos com a filosofia teve origem nos personagens Calvin e Hobbes (traduzido como Haroldo). Inspiradas no teólogo John Calvin e no filósofo inglês Thomas Hobbes, as narrativas trazidas pelos personagens nos apresentam a “boa” ironia como fonte de reflexão. Por ter suas características próprias e uma linguagem simples, diferentes dos livros em geral, as histórias em quadrinhos permitem uma relação maior entre os leitores, auxiliando no desenvolvimento das habilidades de análise e contextualização.

Além de ser um instrumento pedagógico que promove o hábito da leitura, os quadrinhos também são fontes riquíssimas para trabalhar

a iniciação filosófica durante o ensino fundamental, pois induzem as crianças e jovens a questionarem sua realidade através dos temas abordados nas narrativas.

Por meio dos quadrinhos, os docentes podem trabalhar as questões filosóficas através de histórias divertidas, inteligentes, cativantes e irônicas que buscam a reflexão dos estudantes a partir de questionamentos intrigantes e que ao mesmo tempo não deixam de ser divertidas.

A Figura 1 é um exemplo de histórias em quadrinhos de Calvin & Haroldo que podemos trabalhar com as crianças durante o ensino fundamental.

Figura 1 - Calvin & Haroldo



Fonte: <http://www.alinevalek.com.br/blog/2012/01/calvin-haroldo-por-criancas-mais-criticas/>

A Figura 2 apresenta outro exemplo de história em quadrinho de Calvin & Haroldo que retrata de maneira cômica e irônica os assuntos do cotidiano.

Figura 2 - Calvin & Haroldo



Fonte: <http://www.alinevalek.com.br/blog/2012/01/calvin-haroldo-por-criancas-mais-criticas/>

DESENHO DA PESQUISA

Através de uma abordagem qualitativa, este estudo buscou produzir dados que evidenciassem a utilização do ensino de filosofia na construção do senso crítico dos alunos no ensino fundamental.

Segundo Santos & Candeloro, uma abordagem qualitativa

[...] é aquela que permite que o acadêmico levante dados subjetivos, bem como outros níveis de consciência da população estudada, a partir de depoimentos dos entrevistados, ou seja, informações pertinentes ao universo a ser investigado, que leve em conta a ideia de processo, de visão sistêmica, de significações e de contexto cultural (SANTOS & CANDELORO, 2006, p. 71).

Partindo desse princípio, os mesmos autores destacam que esse método de pesquisa busca interpretar e analisar os dados coletados, destacando a interação entre o pesquisador e o objeto pesquisado. “[...] a pesquisa qualitativa não tem a pretensão de mensurar variáveis, mas de analisar, qualitativamente, de modo indutivo, todas as informações levantadas pelo acadêmico através da aplicação de um instrumento de coleta de dados adequado” (SANTOS & CANDELORO, 2006, p. 71).

PARTICIPANTES DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada em seis escolas do município de Cachoeirinha/RS, públicas e privadas. Contamos com a participação de

onze docentes com idades entre 28 a 60 anos, com formação em nível médio e superior em Pedagogia, História e Filosofia.

Para melhor visualização dos participantes desta pesquisa seguem, no Quadro 2, os nomes fictícios para manter o anonimato e a maneira como serão mencionados no momento de análise de dados.

Quadro 2 - Indicação dos participantes da pesquisa

Escolas	Docentes
E1	D1, D2
E2	D3, D6
E3	D4, D5
E4	D7, D8
E5	D9, D10
E6	D11

Fonte: as autoras.

O critério de escolha dos participantes considerou primeiramente a disposição dos mesmos em contribuir para com o estudo. Além disso, a pesquisa também analisou os docentes do ensino fundamental próximos de se aposentar e os iniciantes na carreira.

PROCEDIMENTOS E INSTRUMENTOS PARA COLETA DE DADOS

Os dados deste estudo foram coletados através de entrevistas semiestruturadas com o propósito de analisar a contribuição da disciplina de Filosofia na construção do senso crítico dos alunos no ensino fundamental.

De acordo com Santos & Canderolo, uma entrevista semiestruturada,

[...] é aquela que permite que o entrevistado traga à tona a sua subjetividade e riqueza de experiências, logo supõe-se que na semiestruturada haja uma confluência de perguntas previamente elaboradas com outras a partir das respostas e elucubrações dos entrevistados. (SANTOS & CANDELORO, 2006, p. 75)

O roteiro das entrevistas foi construído a partir dos estudos teóricos com o objetivo de coletar informações relevantes para a análise. Cada participante recebeu um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, explanando os procedimentos do trabalho e solicitando autorização do mesmo para uso das informações obtidas.

Para complementar o estudo, foram realizadas observações ocasionais em salas de aula com o objetivo de verificar como os docentes interagem com seus alunos e as estratégias que utilizam para desenvolver o senso crítico dos educandos. Segundo Marconi & Lakatos (2010, p. 175) uma observação não estruturada “consiste em recolher e registrar os fatos da realidade sem que o pesquisador utilize meios técnicos especiais ou precise fazer perguntas diretas”.

Após a coleta das informações, obtida através de entrevistas e observações, as mesmas foram analisadas, interpretadas e organizadas em categorias conforme os objetivos da pesquisa, resultados. Os dados foram analisados à luz da literatura, buscando aproximações das respostas dos professores com os pressupostos estudos dos autores elencados, uma vez que, conforme Gil (2008, p. 156), “a análise tem como objetivo organizar e sumariar os dados de forma tal que possibilitem o fornecimento de resposta ao problema proposto para investigação”.

Para melhor visualização, segue no Quadro 3 as descrições das categorias.

Quadro 3 - Categorias de análise

Categorias	Descrição
1. O papel da escola na construção de uma sociedade democrática	Nesta categoria analisamos a visão das escolas frente à sociedade atual e qual a função dos docentes para torná-la democrática.
2. O trabalho da disciplina de Filosofia no ensino fundamental	Nesta categoria analisamos como a Filosofia no ensino fundamental pode contribuir para a construção da autonomia e do espírito crítico dos alunos.
3. A Filosofia como componente curricular	Nesta categoria analisamos como o ensino da Filosofia está vinculado ao currículo das instituições do ensino fundamental do município de Cachoeirinha/RS.
4. Práticas pedagógicas e estratégias utilizadas no desenvolvimento da autonomia e senso crítico dos alunos	Nesta categoria analisamos as práticas pedagógicas, as possibilidades e as dificuldades para se trabalhar a Filosofia no ensino fundamental.

Fonte: as autoras.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

O PAPEL DA ESCOLA NA CONSTRUÇÃO DE UMA SOCIEDADE DEMOCRÁTICA

A função da escola na sociedade tem gerado muita discussão e polêmica por estar muitas vezes fazendo o papel básico que seria da família. Esse ponto é trazido pelo participante da pesquisa D7 da E4, que em seus relatos coloca: *Estamos trabalhando o básico do básico. Estamos sendo um pouco de tudo... o professor está fazendo o papel dos pais que não estão dando conta de educar seus filhos.*

Além disso, questões como desigualdade social e o consumismo desenfreado tem colaborado para uma sociedade mais individualista e competitiva, deixando de lado princípios básicos para viver em grupo. Conforme a fala do participante D10: *A sociedade hoje é muito individualista e consumista. As pessoas só pensam nos bens materiais e não se solidarizam.*

Contrapondo esses efeitos, a escola, dentro de suas limitações, é considerada como referência de seriedade e credibilidade pela sociedade. Segundo os docentes entrevistados, a instituição de ensino deve ser o oposto desse individualismo e competitividade, sendo seu papel trabalhar por uma sociedade mais igualitária, coletiva e solidária.

Essa visão é trazida pelo participante D9 que argumenta o papel da escola frente à sociedade: *É papel da educação fazer que as crianças percebam os valores, e na busca de uma sociedade mais igualitária, que o direito de um vai até o direito do outro.*

Dentro desse tema, alguns professores argumentaram que a escola, além de ser um local de trocas e busca de conhecimento, é um espaço que deve orientar o aluno frente a sua realidade, fazendo-o com que seja mais crítico nas informações que chegam até ele.

De acordo com Brocanelli (2010, p. 49),

[...] a escola deve ser aquela que ajuda a criança a encontrar um sentido para sua vida e para suas responsabilidades atuais e futuras. E mais, os significados não são dados, eles são descobertos, sendo uma tarefa da escola estimular as crianças às descobertas.

Ser um aluno mais crítico significa torná-lo mais consciente em suas escolhas, isto é, desenvolver sua criticidade perante os acontecimentos a sua volta. De acordo com essa visão, o participante D11 refere-se a um aluno crítico: *Aquele capaz de pensar, formar um raciocínio por si. Aquele que consegue ter discernimento sobre a realidade e capaz de ver além do senso comum.* Concomitante a essas ideias, Novais (2012) complementa que o indivíduo crítico possui a capacidade de questionar a realidade e analisar racionalmente os valores e as crenças.

Portanto, para alcançar esse objetivo, não podemos deixar de falar do papel do docente na formação do aluno crítico, pois, segundo Lipman (1990), o professor é uma peça chave nesse processo, pois através de sua postura de mediador auxilia no encorajamento e participação do aluno a pensar e expor seus argumentos não só no grupo escolar, mas na vida, de um modo geral. Mas isso só é possível se o docente proporcionar um ambiente agradável e for uma pessoa crítica, pois conforme a participante D6: *Se o professor não é crítico dificilmente vai desenvolver um aluno crítico.* E completa dizendo sobre o papel do docente: *O professor deve propiciar tanto o acesso do conhecimento como a própria análise em torno disso. Aprender a pensar e tentar desenvolver o pensamento, ou melhor, a construção de um pensamento.*

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p. 45),

[...] o papel do professor nesse processo é, portanto, crucial, pois a ele cabe apresentar os conteúdos e atividades de aprendizagem de forma que os alunos compreendam o porquê e o para quê do que aprendem, e assim desenvolvam expectativas positivas em relação à aprendizagem e sintam-se motivados para o trabalho escolar.

E Brocanelli (2010, p. 73) complementa: “o trabalho principal do professor é a promoção do debate entre as crianças e seu encorajamento em seguir a investigação na direção que o problema aponta”.

Essa relação entre professor e aluno referido por Brocanelli (2010) não deve estar ligada na doutrinação e na imposição de opiniões particulares por parte dos docentes. O professor deve-se abster-se de suas posições filosóficas e conduzir as crianças em direção ao problema. De acordo com a fala do participante D3: *Eu sou neutra, eu não induzo*

o aluno a seguir minhas concepções. Meu papel é apresentar todas as correntes para eles se instrumentalizarem para escolher que rumo a seguir; as ideias que vão concordar. Abrir o horizonte para o aluno fazer suas escolhas.

Brocanelli (2010, p. 45) informa que a função do professor é servir de guia, ou seja, “aquele que direciona e coordena a sala de aula para que não siga outros caminhos senão os que levam ao pensamento reflexivo”.

Nesse intuito, desenvolver uma sociedade democrática é torná-la mais igualitária e solidária, onde se formam cidadãos pensantes, conscientes, críticos em suas escolhas e capazes de exercerem sua cidadania.

O TRABALHO DA DISCIPLINA DE FILOSOFIA NO ENSINO FUNDAMENTAL

A escola tem papel fundamental na construção da sociedade. A partir dela os alunos se socializam, trocam informações e conhecimentos e desenvolvem sua autonomia frente à realidade.

Trabalhar a autonomia e o senso crítico dos alunos é um dos pontos fundamentais para se alcançar uma sociedade mais criteriosa, evoluída e solidária. Mas em que momento deve-se iniciar esse trabalho?

Lipman (1990), influenciado pelos estudos de Dewey, percebeu a importância de trabalhar questões filosóficas a partir da infância. Em seus estudos constatou que nesta fase ocorre o maior aproveitamento das experiências, ou seja, neste período as crianças são envolvidas pelo deslumbramento e vivem intensamente diferentes acontecimentos e descobertas.

Conforme Brocanelli (2010, p. 29),

O homem é um ser que está sempre buscando coisas novas, inventando, criando, questionando, investigando para solucionar problemas, enfim, possui um espírito filosófico insatisfeito com o que está pronto. Principalmente na criança aparece com maior intensidade esse espírito investigativo, sendo uma fase da vida que não pode passar despercebida, principalmente durante os primeiros anos escolares.

Através da curiosidade aguçada nessa fase e pela aproximação do pensamento das crianças com o dos filósofos, Lipman criou uma nova proposta de ensino de filosofia com o objetivo de desenvolver o pensamento reflexivo e investigativo dos alunos.

A ideia de Lipman não era fazer com que as crianças soubessem tudo sobre filosofia ou sobre a história da filosofia, mas seu interesse era desenvolver indivíduos que pensassem melhor, ou seja, “um pensar cada vez melhor e com mais razões e argumentações prováveis logicamente” (BROCANELLI, 2010, p. 18).

No horizonte dessa teoria, os docentes entrevistados na pesquisa também relataram que a disciplina de filosofia trabalhada desde cedo contribui na formação do pensamento reflexivo do indivíduo, pois possibilita espaço e tempo para o aluno pensar e refletir por si mesmo sobre os diversos assuntos do seu dia-a-dia. Conforme a fala do participante D8: *Contribui por criar um espaço para pensar e despertar a capacidade do senso crítico do aluno.*

Trabalhar a filosofia desde o ensino fundamental significa desenvolver o aluno crítico desde a infância; conforme a LDB (1996), é preciso educar as crianças e os jovens para serem cidadãos críticos, autônomos, livres e responsáveis.

As crianças desde cedo já exercem a cidadania e são capazes de observar e analisar sobre diferentes questões como: a verdade, a mentira, as regras, a realidade, entre outras, mas esses assuntos são muito vagos em seus pensamentos, necessitando elas aprenderem a pensar filosoficamente (MURARO, 2009).

Pensar filosoficamente é questionar o modo de ser e viver do ser humano e tudo o que o cerca. Nesta intenção, a disciplina de filosofia oportuniza aos alunos, desde pequenos, formar uma consciência crítica, aprendendo a observar e interpretar sua realidade para assim poder transformá-la. Esse fato é apontado pelo participante D3: *O ensino da filosofia ajudaria a organizar melhor o pensamento. Auxiliar na observação e na análise não só na escola, mas também na vida.* Já o participante D7 argumenta que *a filosofia contribui para a reflexão do aluno, mas depende dos assuntos que são proporcionados a eles.*

Essa preocupação Lipman (1990) também teve ao trabalhar filosofia com as crianças, pois segundo ele não seria possível tratar desses

assuntos sem antes fazer alguns ajustes na linguagem dos mesmos. Pensando nisso, o filósofo desenvolveu as “novelas filosóficas”, histórias que têm por objetivo provocar a reflexão nos alunos a partir de assuntos do cotidiano, segundo a sua faixa etária.

Apesar do pouco conhecimento dos participantes ao respeito do estudo de Lipman (1990) sobre a filosofia para as crianças, e porque poucas escolas têm essa disciplina na grade curricular no Ensino Fundamental, os docentes acreditam que o ensino da filosofia pode e deve ser desenvolvido em conjunto com outras disciplinas, pois creem que as contribuições da filosofia extrapolam os muros da escola.

A FILOSOFIA COMO COMPONENTE CURRICULAR

A filosofia sempre foi vista como uma disciplina voltada para o ensino médio. Ao contrário disso, alguns gestores e docentes de escolas públicas e privadas vêm desconstruindo essa imagem e inserindo esse ensino na grade curricular do ensino fundamental.

Essa realidade foi vista em duas instituições de ensino no município de Cachoeirinha/RS, sendo uma escola pública e a outra privada. Nessas escolas, a disciplina de filosofia está integrada à grade curricular, contemplando os anos iniciais e finais do ensino fundamental, com um período (45 minutos) por semana para tratar de diferentes temas filosóficos conforme a faixa etária.

Essa questão o participante D10 traz em sua fala: A filosofia está na grade curricular de nossa escola, é um período por semana onde tratamos de diferentes temas e junto temos uma apostila que auxilia nas aulas. Tem um currículo para todos os anos.

Já as outras quatro escolas visitadas no município não dispõem da filosofia na grade curricular, mas, segundo os docentes entrevistados, isso não impede de se trabalhar temas relacionados a essa disciplina. Conforme o relato do participante D5: *A disciplina de filosofia não faz parte da grade curricular da escola, mas isso não quer dizer que não trabalhamos com assuntos voltados à filosofia.*

Lipman *apud* Brocanelli (2010, p. 34) alerta para as escolas desenvolverem um currículo interdisciplinar que beneficie a continuidade entre as disciplinas.

O papel da filosofia na escola é o de estabelecer ligações entre as disciplinas para que os assuntos de cada uma delas não continuem fragmentados como estão nos livros didáticos, mas que as crianças aprendam a fazer a conexão entre os vários assuntos que discutem na aula.

Outro ponto discutido sobre a grade curricular foi a importância dada a algumas disciplinas, como exemplo, as de português e matemática que por muito tempo foram consideradas mais importantes por parte dos professores e das famílias dos alunos.

Contudo, essa realidade está sendo revista em muitas escolas e principalmente pelos docentes - 90% dos entrevistados discordam em considerar uma disciplina melhor que a outra. O participante D3 traz bem clara essa visão: *Todas as disciplinas são importantes, temos que terminar com essa visão arcaica que português e matemática é que mandam.*

O participante D8 também contribuiu dizendo: Acho que tudo é importante, pois desenvolve a potencialidade e a formação integral do aluno.

Nessas falas, os professores deixam claro que as mudanças vêm ocorrendo e algumas, como a inserção do ensino da filosofia, vêm se destacando, como na fala do participante D11, que diz: *Até acho que seria a filosofia mais importante, pois a partir dela que iniciaram todas as outras. Ela é importante por formar o pensamento crítico, lógico, reflexivo e ético.*

Lipman *apud* Brocanelli (2010, p. 75) complementa abordando que a disciplina de filosofia “é a mais preparada para desenvolver o pensamento da criança e para fornecer caminhos por meio dos quais ela pode passar às outras disciplinas”.

Mesmo com visões tão positivas em relação à filosofia no ensino fundamental, o processo é muito lento, pois que ainda as formações continuadas oferecidas aos docentes - quando proporcionadas a eles - não estão na mesma sintonia, ou seja, não estão sendo oferecidos temas relacionados à filosofia por parte da mantenedora, e os docentes acabam buscando por si o conhecimento e as informações que precisam. Essa questão é trazida pela participante D7: *Não é oferecido. Eu busco cursos online.*

Contudo, desenvolver uma educação para “o pensar”, através da qual as crianças sejam capazes de fazer suas escolhas conscientes, requer investir na formação dos docentes, ou seja, apresentar subsídios necessários aos professores para que possam exercer a sua função de provocadores e facilitadores no desenvolvimento do senso crítico e reflexivo dos alunos.

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E ESTRATÉGIAS UTILIZADAS NO DESENVOLVIMENTO DA AUTONOMIA E SENSO CRÍTICO DOS ALUNOS

Lipman (1990), com a preocupação de atingir todos os níveis de ensino, adotou uma nova metodologia de trabalho com o propósito de incentivar a iniciação filosófica junto às crianças.

Dentro dessa metodologia, o filósofo desenvolveu as “novelas filosóficas”, histórias de diferentes estilos onde os personagens se confrontam com diversas questões cotidianas. Junto com cada narrativa, criou um manual para o professor contendo planos de discussão e exercícios sobre conceitos filosóficos.

Uma das escolas visitadas, que contemplam a filosofia na grade curricular, dispõe de materiais didáticos tanto para o aluno quanto ao professor. Esse fator é um ponto de discussão pelos docentes entrevistados na escola, pois um deles acredita que mesmo o material auxiliando nas aulas, os temas são muito delimitados e com pouca informação. Essa fala o participante D10 retrata: *A apostila tem pouco material e o professor tem que correr atrás*. Já o outro docente entrevistado da mesma escola não vê o material didático como um problema, mas sim como um instrumento a mais.

Outros recursos foram relatados pelos participantes da pesquisa, como: a utilização do diálogo, debates, filmes, situações-problema, pesquisas, notícias, trabalhos em grupos, entre outros.

Um ponto importante abordado por Lipman (1990) são as estratégias utilizadas para tornar as aulas interessantes e participativas. Dentro desses métodos, o diálogo e o debate cooperativo são essenciais para essa finalidade. Mas, de acordo com o filósofo, por mais estimulantes

que sejam abordadas as questões filosóficas, elas só serão eficientes se forem trabalhadas a partir de Comunidades de Investigação, ou seja, através de discussão e debates em grupos.

Além das metodologias apontadas anteriormente, o participante D11 nos relatou que seu trabalho também envolve contação de histórias, mitos e contos infantis sobre filosofia - uma estratégia muito próxima aos estudos de Weschenfelder (2011) que trata as histórias em quadrinhos como uma forma de trabalhar as questões filosóficas como a moral e a ética na formação da cidadania da criança.

Mesmo com diferentes metodologias, os docentes encontram muitas dificuldades para trabalhar os assuntos com as crianças durante o ensino fundamental e um dos motivos, segundo o participante D8, é a imaturidade: *A imaturidade das crianças dessa idade e também a falta da base familiar, aonde as pessoas vão mais pela conveniência e pelo interesse imediato.* Outro participante, D7, complementa: *Além de imaturos, os alunos têm muita dificuldade de parar, de se concentrar; estão muito ansiosos.*

Já a participante D5 diz que seu maior desafio é o tempo: Uma das dificuldades é o tempo, porque temos muita coisa para dar conta e os assuntos referentes à filosofia são mais demorados e nosso currículo ainda não está adaptado, temos muito conteúdo anualmente. Essa dificuldade apontada pela docente é um ponto discutido por Lipman que argumenta que só é possível desenvolver uma educação para “o pensar” se as salas de aula das escolas se tornarem ambientes de investigação e incluírem a filosofia como disciplina da grade curricular.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao propor este estudo, o objetivo principal foi analisar a relação do ensino da filosofia na construção do senso crítico dos alunos durante o ensino fundamental.

Pensando nesse tema, a pesquisa buscou primeiramente um embasamento teoricamente, qual seja: como o ensino da filosofia contribui no aprendizado e no espírito crítico dos alunos. Após analisarmos a visão dos docentes sobre a sociedade atual e a sua função

na construção da mesma, as estratégias e as metodologias utilizadas pelos professores do município de Cachoeirinha/RS e como atuavam na sua prática docente.

A partir dos dados obtidos, a pesquisa identificou que a disciplina de filosofia é essencial na construção do pensamento crítico e reflexivo dos indivíduos, pois proporciona as habilidades de análise e questionamento. Além desses dados, a pesquisa também mostrou que a filosofia está ganhando mais espaço nas escolas do ensino fundamental do referido município.

Chegamos a essa conclusão ao analisarmos que das seis escolas visitadas, duas já agregam a disciplina na grade curricular e as outras quatro instituições integram a filosofia como objeto interdisciplinar no currículo.

Apesar da abertura e crescimento do ensino da filosofia nas escolas durante a infância, a pesquisa também nos apresentou os desafios para se alcançar sucesso nesse processo, pois as mantenedoras ainda não investem na formação e preparação dos docentes para o trabalho específico relacionados a assuntos filosóficos.

Além disso, o estudo nos apresentou que, quanto mais cedo for trabalhado o desenvolvimento do pensamento reflexivo das crianças nas escolas, desde o ensino fundamental, mais perto estaremos de formar cidadãos críticos e autônomos que contribuam para a conquista de uma sociedade justa e igualitária.

Na tentativa de discutir outros aspectos relacionados a este tema, outras pesquisas poderão contribuir com os estudos acerca do ensino da filosofia para crianças e a inclusão dessa disciplina na grade curricular das escolas. Sugere-se uma pesquisa que acompanhe e discuta a formação dos docentes e os benefícios de inserir esse ensino na educação infantil.

Este estudo também apresentou algumas limitações, dentre elas, o fato de apenas duas escolas apresentarem oficialmente a disciplina de filosofia na grade curricular. Por isso, caso a disciplina estivesse incluída em outras escolas, teríamos outros participantes, outras análises, obtendo diferentes resultados.

Finalmente, espera-se que este estudo possa contribuir para com o surgimento de reflexões acerca da filosofia direcionada às crianças e

na formação do espírito crítico dos alunos, gerando outras inquietações que suscitam novas pesquisas e estudos sobre o tema.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Temas de Filosofia**. 3ª ed. rev. São Paulo: Moderna, 2005.

BRASIL. Secretaria de Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino fundamental**. Brasília: MEC, 1997.

BRASIL. Secretaria de Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: temas transversais**. Brasília: MEC, 1998.

BROCANELLI, Cláudio Roberto. **Matthew Lipman: educação para o pensar filosófico na infância**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. (Coleção Educação e Conhecimento).

FERREIRA, Anna Rachel. Uma visão crítica sobre o mundo. **Revista Nova Escola**, São Paulo, n. 270, p. 28-36, maio de 2014a.

FERREIRA, Vanja. **A proposta de ensino da Filosofia no Ensino Fundamental e Médio**, 2008. Disponível em: <<http://www.portaleducacao.com.br/pedagogia/artigos/2657/a-proposta-de-ensino-da-filosofia-no-ensino-fundamental-e-medio>>. Acesso em: 16 maio 2014.

FREIRE, Leila Inês Follmann. **Pensamento crítico, enfoque educacional CTS e o ensino de química**. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/89901/245569.pdf?sequencia=1>>. Acesso em: 05 jun. 2014.

GAARDER, Jostein. **O mundo de Sofia: romance da história da filosofia**. Tradução João Azenha Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LIPMAN, Matthew. **A Filosofia vai à escola**. (1990). Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=7mFAFZ1NUQ8C&pg=PA3&hl=pt-BR&source=gbs_selected_pages&cad=2#v=onepage&q&f=false>. Acesso em 07 de maio de 2014.

LORIERI, Marcos Antônio. **Filosofia para crianças: educação para o Pensar**. 2012. Disponível em: <<http://www.philosletera.org.br/in>

dex.php?option=com_content&view=article&id=157&Itemid=403>. Acesso em: 14 maio 2014.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 7ª ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MURARO, Darcísio Natal. **Filosofia da Educação e Filosofia para crianças**. (2009). Disponível em: <http://www.philosletera.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=145&Itemid=390>. Acesso em: 14 maio 2014.

_____. **Material Didático do Programa de Filosofia para Crianças**. Disponível em: <http://www.philosletera.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=74&Itemid=135novelas%20filos%C3%B3ficas>. Acesso em: 14 maio 2014.

NOGUEIRA, Natania. **As histórias em quadrinhos em sala de aula**. Disponível no site em: <<http://pt.slideshare.net/gibiteca/quadrinhos-na-sala-de-aula-2011>>. Acesso em: 12 jun. 2014.

NOVAIS, Helena. **Atitude filosófica e atitude crítica**. (2012). Disponível em: <<http://pensadores-sem-fronteiras-biblioteca.blogspot.com.br/2012/03/atitude-filosofica-e-atitude-critica.html>>. Acesso em: 18 maio 2014.

Portal da Secretaria Municipal de Cachoeirinha. **Dados estatísticos do município de Cachoeirinha**. Disponível no site: <<http://www.cachoeirinha.rs.gov.br/portal/attachments/article/1398/Secretaria%20Municipal%20da%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20-%20Dados%20Estat%C3%ADsticos.pdf>>. Acesso em: 04 maio 2014.

SANTOS, Vanice dos; CANDELORO, Rosana J. **Trabalhos acadêmicos: uma orientação para pesquisa e normas técnicas**. Porto Alegre/RS: AGE, 2006.

VALEK, Aline. **Calvin & Haroldo por crianças mais críticas**. Disponível no site: <<http://www.alinevalek.com.br/blog/2012/01/calvin-haroldo-por-criancas-mais-criticas/>>. Acesso em: 26 abr. 2014.

WESCHENFELDER, Gelson Vanderlei; KRONBAUER, Luiz Gilberto. **As HQ's e a formação da consciência moral das crianças**. Disponível em: <http://www.ucs.br/ucs/tplcinfe/eventos/cinfe/artigos/artigos/arquivos/eixo_tematico7/As%20HQs%20e%20a%20forma>

cao%20da%20consciencia%20moral%20das%20criancas.pdf>. Acesso em: 27 maio 2014.

WESCHENFELDER, Gelson Vanderlei; ANDREOLA, Balduino Antonio. **Histórias em quadrinhos e seu uso como objeto pedagógico**. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anped-sul/9anpedsul/paper/viewFile/23/848>>. Acesso em: 28 maio 2014.